

ARQUEOLOGIA NO MUSEU PARANAENSE: TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS DE UMA PESQUISADORA ENTRE 1984 E 2006

Claudia Inês Parellada*

INTRODUÇÃO OU COMO NASCEU UMA ARQUEÓLOGA?

As trajetórias individuais, com experiências únicas e diferenciadas, trazem pistas para a compreensão de como os objetos de pesquisa foram e são selecionados e analisados por cada um dos cientistas da arqueologia brasileira. Minha vivência nos laboratórios do Museu Paranaense e do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná (CEPA-UFPR), conjuntamente a formação dos cursos de graduação e pós-graduação, ampliou-me a dimensão do estudo da cultura material associando tanto as atividades educativas como às de conservação e gerenciamento do patrimônio arqueológico no Paraná.

Nasci em família de múltipla composição étnica, espanhóis em meio a portugueses, italianos e indígenas, e sempre ansiosa para entender o mundo, desde muito pequena lembro-me da pergunta, repetida a exaustão para todos os parentes, “-Por que?”. Meus pais, Lázaro e Mirian Parellada, sempre muito presentes, insistiram e provocaram as quatro filhas na busca de conhecimentos; em casa a leitura era corriqueira, e as viagens, piqueniques e caminhadas, pelas diferentes cidades que moramos, também eram freqüentes.

Em 1974, aos oito anos de idade, depois de assistir com entusiasmo muitos desenhos com temática relacionada a arqueologia e um seriado que enfocava um túnel de tempo que transportava as pessoas pelas mais diferentes épocas, decidi, ao ler uma placa sobre as pesquisas arqueológicas no sambaqui Enseada, em Santa Catarina, que seria arqueóloga. O trabalho de resgate do passado seria uma chave de entendimento para parte das respostas que sempre busquei através daqueles porquês, e que, mesmo passado o tempo, continuo a repeti-los.

* Doutora, Arqueóloga do Museu Paranaense da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná.
E-mail: parelladaclau@ig.com.br

Em 1982, possuía dezesseis anos e faria vestibular no final daquele ano, sofri um grave acidente automobilístico e tive a oportunidade de fazer uma grande reflexão sobre a minha vida e como deveria tentar direcionar o futuro, já que havia conseguido sobreviver. As lembranças da infância voltaram com muita força e optei por fazer o curso de Geologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR), que acreditei ser um elo de aproximação com a arqueologia.

Em julho de 1984, já no segundo ano de Geologia, participei de um intercâmbio cultural, parceria da UFPR com a Wright State University, em Ohio, Estados Unidos, e lá, depois da visita a inúmeras instituições como o *Smithsonian* e o *Natural History Museum*, percebi como haveria possibilidade de concretizar o meu velho sonho de ser arqueóloga. Chegando ao Brasil busquei, através de indicações de amigos da Geologia, como Sílvia Rosler e José Ciguel, o departamento de Arqueologia do Museu Paranaense, e conversando com o professor Oldemar Blasi e o diretor da instituição, na época, Miguel Gaissler, iniciei o estágio voluntário em agosto de 1984. O Museu Paranaense foi criado em 1876, sendo a terceira instituição museológica mais antiga no país, e atualmente é órgão da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC-PR).

A prima-avó de minha mãe, Haydée Bastos, que cursou especialização em arqueologia na Universidade do Paraná, relatou, em 1985, para minha surpresa, que meu bisavô materno, Constante Piccinelli, era arqueólogo, tendo emigrado de Milão, Itália, para São Paulo, e desenvolvido pesquisas, juntamente com padres, no interior do Paraná (na Lapa conheceu minha bisavó, filha do dono da hospedaria) e Santa Catarina; assim meu avô materno nasceu em Laguna, área repleta de sambaquis. Meu tio paterno, Luís Parellada, médico formado na Espanha, por lá participava de grupo de arqueologia amadora; também este fato soube só depois de haver entrado no Museu Paranaense. Existia um interesse em arqueologia dos dois lados da família, então, sem saber, continuei essa tradição.

MUSEU PARANAENSE: OS PRIMEIROS TRABALHOS NO DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

Em 1984, havia outras estagiárias na, então, seção de Arqueologia do museu, que cursavam História na UFPR, e tinham sido alunas do prof. dr. Igor Chmyz, como a atual historiadora Walderez Berezowski, e que comentavam sobre a existência do CEPA. O prof. Oldemar Blasi, aposentado do museu mas que permanecia responsável

pela Arqueologia, nessa época estava envolvido com o inventário de Vladimir Kozák e ficava pouco tempo dentro dos laboratórios da Arqueologia. Assim, o contato maior nesse período foi com a equipe de estagiários, que relatava suas experiências dentro da seção.

Existia uma pequena biblioteca na seção de Arqueologia, e desde março de 1985, quando comecei um estágio remunerado no Museu Paranaense, tive a oportunidade de ler uma boa parte dos livros e periódicos específicos sobre arqueologia. Alguns dias na semana aparecia outro estagiário, o agora geógrafo Almir Pontes Filho, também contratado da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, o qual participava, conjuntamente com o prof. Blasi e comigo, de várias atividades de campo. Entre algumas delas estão as prospecções, sob a orientação do prof. Blasi, em estruturas subterrâneas no município paranaense de Contenda, no bairro Alto Boqueirão em Curitiba, junto à área da segunda fundação da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632), nas ruínas em alvenaria de pedra de pouso de tropeiros no Rodeio do Alho, município paranaense de Piraí do Sul, em sambaquis de Guaraqueçaba, entre outros.

O interesse pela espeleologia, relacionada ao estudo e exploração de cavernas, e a convivência com alunos da Geografia da UFPR, como Almir Pontes Filho e Darci Zakrzewski, fez com que eu participasse intensamente da fundação e estruturação da organização não governamental Grupo de Estudos Espeleológicos do Paraná-Açungui (GEEP-Açungui), entre 1986 e 1988, inclusive exercendo o cargo de presidente da instituição. Lutávamos para tentar preservar cavernas paranaenses, pois muitas já tinham sido destruídas, inclusive com vestígios arqueológicos, e nem fotos mais restavam. Contávamos com o auxílio do Ministério Público Estadual, e alguns mineradores, principalmente de calcário, possuíam uma relação difícil com a ong, pois algumas áreas de lavra foram suspensas (Parellada, 1988). Em 1988, acabei indicada para coordenar a Comissão de Cadastro e Espeleometria da Sociedade Brasileira de Espeleologia e da Federação Espeleológica da América Latina e do Caribe, cargo voluntário, para elaborar, junto com uma equipe de espeleólogos, normas e diretrizes para cadastro e definições terminológicas no mapeamento de cavernas e abrigos; em 1995 os diferentes projetos arqueológicos absorviam praticamente todo o tempo disponível, e abdiquei desta função.

Obtive bolsa de iniciação científica do Conselho Nacional de Pesquisas, em 1987, com orientação do prof. dr. João Bigarella e do prof. Blasi, para desenvolver o projeto de levantamento e análise geoarqueológica do Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, localizado em Fênix, Paraná, e que tem em seu interior as ruínas de

Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632); observar Parellada (1990a).

Em julho de 1985 participei junto com a curitibana, na época estudante de arqueologia da Faculdade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, Maria Fernanda Campelo Maranhão, de aula de campo do prof. dr. Igor Chmyz no Sambaqui do Toral, em Alexandra, Paranaguá. Foi meu primeiro contato com o diretor do CEPA. Fernanda Maranhão trabalhou de 1987 a 1990 na seção de Arqueologia do Museu Paranaense e em 1990 pediu transferência para ser a pesquisadora responsável pela seção de Etnologia do mesmo museu, pois queria se dedicar exclusivamente a temas antropológicos, e já atuou e/ou vem desenvolvendo pesquisas relativas à etnologia indígena, à antropologia urbana, à cultura popular, e à história da antropologia no Paraná.

Em 1989, foi realizado o projeto “Caracterização de sambaquis através de análise ambiental e fotointerpretativa na Baía de Guaraqueçaba, Paraná”, com parceria entre o Museu Paranaense e o CONCITEC-PR, e orientação do arqueólogo dr. Pedro Ignácio Schmitz, do Instituto Anchietano de Pesquisas, de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Este projeto originou várias publicações, tais como: Parellada (1989); Parellada & Macedo (1989a, b, 1990); Parellada, Colla & Santa Cruz (1992); Parellada & Gottardi Neto (1993, 1994) e Parellada, Barbosa & Pereira (1996).

Em 1990, tornei-me a pesquisadora responsável pelo agora Setor de Arqueologia do Museu Paranaense, pois tinha sido contratada como funcionária da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, para atuar como pesquisadora daquele setor do museu, em abril de 1988. A contratação ocorreu devido às descobertas no sítio arqueológico Tupiguarani Estádio de Sengés (Parellada 1990b, 1993a). Ainda em 1990, com a continuidade do Projeto Sengés caracterizaram-se mais cinco sítios com pinturas: abrigos da Janela e Lageado Grande I, II e III, no município de Sengés, e abrigo do Mariano, em Jaguariaíva (Parellada 2003c, 2005). Em 1993, cadastrou-se o abrigo Ponte do rio Cajuru, em Jaguariaíva, onde havia pinturas rupestres geométricas.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

As fases de maior aproximação desta pesquisadora com o CEPA/UFPR foram durante o desenvolvimento da monografia do Curso de Especialização em Antropologia Social na UFPR, apresentada em 1991, e da dissertação de mestrado também em Antropologia Social na UFPR, defendida em 1997, as duas sob orientação do prof. dr. Igor Chmyz.

Tanto na monografia como na dissertação o objeto de estudo foi a segunda fundação da cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espíritu Santo (1589-1632), localizada no Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, no município paranaense de Fênix. Em cada uma delas analisaram-se diversos aspectos relativos à ocupação espanhola na Província del Guairá, tais como a malha urbana de Villa Rica, os diferentes materiais arqueológicos recuperados em escavações realizadas entre 1950 e 1995, o imaginário popular em relação ao patrimônio histórico e arqueológico, além da implantação de museu arqueológico no Parque Estadual, e que resultaram nas publicações da arqueóloga do Museu Paranaense: Claudia Parellada (1993b, 1995, 1997a,b, 1998, 2000, 2003a, b).

Os laboratórios do CEPA/UFPR foram usados durante a análise de parte dos materiais cerâmicos recuperados em Villa Rica (1589-1632), e cujo acervo está sob guarda do Museu Paranaense.

No doutorado em Arqueologia na Universidade de São Paulo, desenvolvido entre 2000 e 2005 sob orientação da profa. dra. Maria Cristina M. Scatamacchia, o tema foi o resgate arqueológico do Gasoduto Bolívia-Brasil e na tese analisou-se a distribuição e implantação de sítios arqueológicos ao longo do traçado entre os municípios paranaenses de Campo Largo e Dr. Ulysses. Foram estudados os vestígios recuperados, inclusive as pinturas rupestres de um abrigo granítico, dado inédito na região, identificado nas prospecções de campo, além da discussão e análise da arqueologia musealizada no Paraná e apontadas medidas para a conservação do patrimônio arqueológico das áreas atingidas pelo empreendimento (Parellada 2005, 2006). O prof. dr. Igor Chmyz, diretor do CEPA, foi um dos integrantes da banca de doutorado, que ocorreu em março de 2007.

MUSEU PARANAENSE: O DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS ENTRE 1876 E 2006

O Museu Paranaense foi criado em 1876, com um acervo muito eclético. A entrada de materiais arqueológicos deu-se, inicialmente, através de doações esporádicas por populares, que encontravam ossos na abertura de estradas e na construção e reforma de edificações, ou em objetos recolhidos para serem mostrados nas exposições antropológicas do final do século XIX.

Em 1936, com a nomeação do médico Loureiro Fernandes como diretor do Museu Paranaense, houve a criação de departamentos técnicos com novos pesquisadores, que possibilitaram uma mudança

no tratamento do acervo. A partir de 1938 aconteceu uma significativa ampliação das coleções através do financiamento de pesquisas em vários sítios arqueológicos do litoral e interior do Paraná, muitos em parceria com o CEPA/UFPR (Chmyz, 2000). Afinal, o Museu Paranaense, entre 1950 e 1965, recebia parte do material arqueológico recuperado em atividades de campo de vários cursos intensivos realizados no Paraná, com arqueólogos brasileiros e estrangeiros.

Entre 1966 e 1986, houve a incorporação de vestígios arqueológicos recuperados em áreas que sofriam o impacto de novas fronteiras agrícolas e de pastagem, em locais mais isolados do Paraná, além de doações esporádicas.

Desde 1987 o Museu Paranaense vem realizando vários projetos arqueológicos, que propiciaram a entrada de um maior número de profissionais especializados, com a conseqüente ampliação dos estudos multidisciplinares. Em 1990, o acervo esquelético humano praticamente dobrou, em número e volume, com a doação de vestígios recuperados pelo arqueólogo José Wilson Rauth, em sambaquis do litoral paranaense (Parellada & Gottardi Neto, 1993, 1994; Parellada, 2006).

Entre 1990 e 2006 foram desenvolvidos vários projetos do departamento de arqueologia do Museu Paranaense, com ampla temática: geoarqueologia, resgate, sensoriamento remoto, arqueologia da paisagem, arte rupestre, arqueologia histórica, tecnologia cerâmica e lítica, etnoarqueologia, arqueologia experimental, antropologia visual, arte e artesanato indígena, imaginário popular e musealização de manifestações populares paranaenses.

Um exemplo de projeto foi o Cavernas de Morro Azul, executado de 1992 a 1993 no município de Ventania, que objetivava o estudo do sítio com maior número de pinturas rupestres no Paraná e a caracterização do patrimônio arqueológico daquela região (Gottardi Neto, 1995).

Nos Campos Gerais, em 1999, Melo e Parellada orientaram a monografia de Alessandro Silva (1999), sobre o abrigo Usina São Jorge, em Ponta Grossa, que possui muitas pinturas, como figuras de animais, cervídeos e aves, além de poucas representações geométricas, algumas danificadas por vandalismo (Silva et al. 2007). Em 2002, esta arqueóloga orientou a monografia de Lima e Justo (2002), da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sobre aspectos pré-coloniais e históricos do vale do Iapó.

O maior número de projetos desenvolvidos esteve relacionado a arqueologia de resgate, sempre em áreas do Paraná, tanto o diagnóstico do patrimônio arqueológico para estudos e relatórios de

impacto ambiental como a implantação de programas básicos ambientais. Como exemplos têm-se os resgates arqueológicos na Usina Hidrelétrica (UHE) Salto Caxias (1995-2001), nas Linhas de Transmissão em 525kV entre a UHE Salto Caxias e a Subestação Cascavel (2000), na Pequena Central Hidrelétrica (PCH) Salto Natal (2001-2002), nas Linhas de Transmissão entre Bateias e Jaguariaíva (2003-2004), nas UHE's Santa Clara e Fundão (2002-2004) e parcialmente na Barragem Piraquara II (2003-2006), entre vários outros.

A pesquisa de maior porte entre 1995 e 2001 foi o Programa de Salvamento Arqueológico da UHE Salto Caxias, realizada entre 1995 e 2001, através de convênio com a Companhia de Energia do Paraná (Copel), a Fundação da Universidade Federal do Paraná e a SEEC-PR, em região banhada pelo baixo rio Iguaçu (Parellada 1995-96, 1999, 2005, 2006).

Nos estudos têm-se utilizado, principalmente, o enfoque da arqueologia pós-processual, com a seleção, de acordo com as especificidades de cada pesquisa, de diferentes metodologias da arqueologia contemporânea (Preucell & Hodder, 1996). Afinal, as leituras informam e contribuem para o presente através de uma avaliação crítica do passado. Ainda, no estudo das paisagens arqueológicas tem sido centrada a distribuição espacial do registro, que segundo Lanata (1997) possui três pontos importantes: a heterogeneidade espaço-temporal, os processos regionais de formação do registro, tanto naturais como culturais, e a ação humana como resposta à variabilidade ambiental.

GERENCIAMENTO DAS COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO MUSEU PARANAENSE

Desde 1990 houve a preocupação em selecionar estratégias de gerenciar as coleções arqueológicas do Museu Paranaense, além de planejar a organização das diferentes tipologias do acervo arqueológico nas reservas técnicas.

A informatização de aproximadamente 2.700 coleções arqueológicas, que em setembro de 2006 incluíam 305.000 peças, foi realizada a partir do sistema de banco de dados Access. O início da informatização foi iniciado em 1995, através da chegada de equipamentos e software compatíveis com a implantação de um novo sistema de gerenciamento das coleções arqueológicas, e o trabalho vem sendo detalhado ao longo do tempo.

Esse banco de dados constitui um conjunto de tabelas relacionadas, sendo que na principal existem os seguintes campos: número da coleção, sítio arqueológico, município, estado, projeto,

descrição sintética dos materiais, classificação, locais de coleta, nível, data da coleta, data da doação, coletores e/ou doadores, referências bibliográficas, indexação das caixas, localização na reserva técnica, e observações. A partir desta tabela principal são emitidos formulários e relatórios, impressos em razão de diferentes projetos em andamento no Museu Paranaense, ou mesmo, para esclarecer questões relativas ao acervo (Parellada, 2005).

O novo posicionamento dos materiais dentro das reservas técnicas climatizadas foi estudado, tentando-se adequar aos novos espaços as diferentes características físico-químicas de cada tipologia do acervo arqueológico do Museu Paranaense, segundo Loredó (1994). A maior parte dos vestígios arqueológicos é material cerâmico e lítico, compreendendo quase 80% do total do acervo, sendo que ainda existem materiais ósseos humanos, de animais e malacológicos, além de amostras paleontológicas, sedimentológicas e geológicas, bem como moldes em gesso e silicone de antropóides e homínídeos.

Os materiais abrangem um período de tempo que vai desde cerca de dez mil anos atrás, relacionados a grupos caçadores-coletores, até materiais recuperados em ruínas de construções do século XIX, em áreas onde foram desenvolvidas pesquisas arqueológicas. Estão separados por matéria-prima, higienizados, numerados individualmente, organizados em caixas de plástico com estrutura alveolar, de cor transparente e/ou cinza, etiquetadas segundo a ordem de numeração das coleções, e protegidas com papel de pH neutro. As embalagens tem dimensões padronizadas de 35x24,4x13cm, sendo que em situações ocasionais foi necessário ampliar a altura das caixas para a inserção de materiais com tamanhos que ultrapassavam os limites da embalagem padrão.

As caixas estão organizadas em estantes de aço, com mezanino, algumas esmaltadas e outras com pintura em epoxi-pó, a mais recomendada para o uso neste caso, sendo todas as áreas da reserva técnica sinalizadas e indexadas na tabela principal de listagem de coleções (Bell, 1993).

Desde junho de 2003, com a construção da nova sede do Museu Paranaense, bem como a instalação de equipamentos de ar-condicionado e desumidificadores, o acervo arqueológico está armazenado em reservas técnicas climatizadas. A temperatura de 21° C e a umidade de 60%, constantes, através do sistema de refrigeração, e o controle de infestações, vem ajudando na conservação dos materiais orgânicos e inorgânicos resgatados em campo.

PERSPECTIVAS

Os trabalhos de educação patrimonial em parceria com diferentes instituições, como o Programa de Voluntariado do Paraná (Provopar – Ação Social) e as Secretarias de Estado da Cultura, da Educação e de Assuntos Estratégicos do Paraná, permitiram a publicação de livro didático para as escolas públicas estaduais (Parellada et al., 2006) e a adoção de estratégias que buscam a melhoria de qualidade de vida de populações indígenas no Paraná; essas são linhas de pesquisas que devem receber maior investimento de tempo e recursos no Museu Paranaense.

O desenvolvimento de novos projetos em arqueologia de resgate, visando um aumento significativo na quantidade de datações, e sob uma ótica multidisciplinar, com a participação de profissionais de áreas correlatas à arqueologia, como paleontólogos, biólogos, botânicos, geólogos, geomorfólogos, entre tantos outros, que possibilitem uma melhor visualização do mosaico ambiental que os sítios estavam e estão inseridos. Assim, poderão ser planejadas estratégias mais consistentes e funcionais de gerenciamento e conservação dos sítios arqueológicos estudados em áreas impactadas e/ou sob análise do Museu Paranaense.

Ainda, um investimento maior, de pesquisas, em áreas menos susceptíveis ao intemperismo químico e físico, e menos impactadas por ações antrópicas, como várzeas de rios, onde sedimentos quaternários, como, por exemplo, de turfa saturados em água podem ter possibilitado a conservação de materiais orgânicos, ou mesmo o interior de cavernas, abismos e abrigos, os sambaquis, os conglomerados quaternários com fósseis, entre muitos outros exemplos de situações estratigráficas que certamente trarão novos dados na compreensão dos sítios pré-coloniais paranaenses com datação mais recuada.

A ampliação da revisão de materiais e documentos existentes no acervo do Museu Paranaense também contribuirá para uma melhor compreensão da ocupação humana em território paranaense. A formação e/ou contratação de maior número de pesquisadores também são fundamentais para um futuro promissor das pesquisas arqueológicas do Museu Paranaense.

REFERÊNCIAS

BELL, J. Gerenciamento e proteção de coleções arqueológicas. In: Anais do II Workshop de Métodos Arqueológicos e Gerenciamento de Bens Culturais. IBPC, Florianópolis - SC, p. 231-240, 1993.

CHMYZ, I. José Loureiro Fernandes e a Universidade Federal do Paraná. In: GARCIA, A. 2000. Dr Loureiro Fernandes: médico e cientista, antropologia e etnologia. Curitiba: Editora Vozes Ltda. 2000.

GOTTARDI NETO, A. Análise cerâmica do projeto Cavernas de Morro Azul. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 5: 63-75. 1995.

LANATA, J. L. Los componentes del paisaje arqueológico. Revista de Arqueologia Americana, Instituto Panam. de Geografía e Historia. n.13, p.151-165. 1997.

LIMA, M.A.; JUSTO, G. M. A memória no canyon Guartelá: uma discussão sobre aspectos pré-históricos e históricos do vale do rio Iapó. Monografia graduação História, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa - PR. 2002.

LOREDO, W.M. Manual de conservação em arqueologia de campo. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural. 1994.

PARELLADA, C.I. Províncias Espeleológicas Paranaenses. In: Anais do I Congr. Espeleologia América Latina e Caribe, SBE/CNPq, Belo Horizonte, 169-178. 1988.

_____ Identificação de sambaquis através de critérios fotointerpretativos na Baía de Guaraqueçaba-PR. Boletim Geografia Univ. Estadual de Maringá, ano 7, n. 1, set. 1989.

_____ Levantamento geoarqueológico de Vila Rica do Espírito Santo. In: Anais do 36º Congresso Brasileiro de Geologia, Natal, SBG, v. 2, p. 1095-1106. 1999a.

_____ Análise estratigráfica do Sítio Estádio de Sengés - PR. In: Anais do 36º Congresso Brasileiro de Geologia, Natal, SBG, v. 2, p. 1108-1116. 1990b.

_____ Análise da estratigrafia e das estruturas arqueológicas do Sítio Estádio de Sengés - PR. Arquivos do Museu Paranaense/nova série Arqueologia n. 7, p. 55-68. 1993a.

_____ Villa Rica del Espiritu Santo: ruínas de uma cidade colonial espanhola no interior do Paraná. Arquivos do Museu Paranaense/nova série Arqueologia, Curitiba, n. 8. 1993b.

_____ Análise ambiental e estratigráfica do sambaqui da foz do rio Poruquara/Guaraqueçaba - PR. In: Boletim de Resumos Expandidos do 38º Congresso Brasileiro de Geologia, Camboriú - São Paulo, SBG/DNPM/CPRM, vol. 1, p. 386-387. 1994.

_____ Análise da malha urbana de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632)/Fênix - PR. Revista do Museu Arqueologia e Etnologia, USP, n. 5, p. 51-61. 1995.

_____ Métodos de prospecção no programa de salvamento arqueológico da usina hidrelétrica de Salto Caxias/PR. Coleção Arqueologia, Porto Alegre, EDIPUCRS, n. 1, v. 2, p. 541-560. 1995-6.

_____ Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos na cidade colonial de Villa Rica del Espiritu Santo/Fênix - PR. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFPR: Curitiba, 210p. 1997a.

_____ Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos na cidade colonial de Villa Rica del Espiritu Santo/Fênix - PR; resumo de dissertação. Revista de Arqueologia, Sociedade de Arqueologia Brasileira, n.10, p. 167-168. 1997b.

_____ Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos na cidade colonial de Villa Rica del Espiritu Santo/Fênix - PR; resumo de dissertação. Revista de Arqueologia, Sociedade de Arqueologia Brasileira, n.11, p. 135-136. 1998.

_____ Programa de salvamento arqueológico da usina hidrelétrica de Salto Caxias/PR. CD-ROM do XV Seminário Nacional Produção e Transmissão de Energia Elétrica, ITAIPU Binacional, de 17 a 22/10/1999, em Foz do Iguaçu-PR. 1999.

_____ Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos na cidade colonial de Villa Rica del Espiritu Santo/Fênix - PR. CD-ROM dos Anais

do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1997, Rio de Janeiro - RJ. 2000.

_____ A construção da identidade étnica na Província del Guairá/ séculos XVI e XVII. CD-Rom dos Anais do 51º Congresso Internacional de Americanistas, Santiago, Chile. 2003a.

_____ A cerâmica na cidade colonial espanhola de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632)/ Província del Guairá. CD-ROM dos Anais do 51º Congresso Internacional de Americanistas, Santiago, Chile. 2003b.

_____ Pinturas rupestres no centro-leste e nordeste paranaense. Artigo editado no CD-ROM dos Anais do XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, São Paulo, SAB. 2003c.

_____ Estudo arqueológico no alto vale do rio Ribeira: área do gasoduto Bolívia-Brasil, trecho X, Paraná. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 271p. 2005. www.teses.usp.br

_____ Revisão dos sítios arqueológicos com mais de seis mil anos BP no Paraná: discussões geoarqueológicas. In: Anais do II Simpósio Internacional de Povoamento da América, Fundação Museu do Homem Americano, São Raimundo Nonato, 14p. 2006. www.fumdam.org.br

PARELLADA, C.I.; BARBOSA, A.; PEREIRA, E.M. Análise ambiental e estratigráfica do sítio arqueológico Ouro Verde I/Boa Esperança do Iguaçu - PR. In: Anais do 39º Congresso Brasileiro de Geologia, Salvador, SBG, v. 4, p. 510-513. 1996.

PARELLADA, C.I.; COLLA, T.G.G.; SANTA CRUZ, D.A. Sambaqui do Tromomo: uma visão ambiental. In: Boletim de Resumos Expandidos do 37º Congresso Brasileiro de Geologia. São Paulo, SBG, núcleo São Paulo, 1992, v. 1, p. 86-87. 1992.

PARELLADA, C.I.; CREMONEZE, C.; BATTISTELLI, E.; SARAIVA, M.P. Vida indígena no Paraná: memória, presença, horizontes. Curitiba: Provopar Ação Social, 64p., 2006. www.artenossa.pr.gov.br

PARELLADA, C.I.; GOTTARDI NETO, A. Inventário de sambaquis no litoral do Paraná. Arquivos do Museu Paranaense, nova série Arqueologia,

Curitiba, n. 7, p. 1-42. 1993.

_____ Inventário de sambaquis do litoral do Paraná. *Revista Paranaense de Geociências*, n. 42, p. 121-152. 1994.

_____ Sambaqui do Costão: uma tentativa de reconstituição paleo-ambiental. In: *Anais do IX Congresso Bras. Paleontologia*, SBP: Curitiba, v. 1, p. 747-768. 1989a.

_____ Sambaqui do Costão: uma visão ambiental. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, RS, v. 17, n. 20, 205-218. 1989b.

_____ Sambaqui do Sapo: um estudo biogeoarqueológico. In: *Anais do 36º Congresso Brasileiro de Geologia*, Natal, SBG, v. 2, p. 1117-1127. 1990.

PREUCCELL, R.W.; HODDER, I. (Ed.). *Contemporary archaeology in theory: a reader*. Oxford. 1996.

SILVA, A.G.C.L. *Pinturas rupestres do sítio arqueológico Abrigo Usina São Jorge*, Ponta Grossa, PR. Monografia grad. Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa - PR. 1999.

SILVA, A.G.C.L.; MELO, M.S.; PARELLADA, C.I. *Pinturas rupestres em abrigo sob rocha no sumidouro do rio Quebra-Perna*, Ponta Grossa, Paraná. *Publicatio, Ciências Exatas Terra*, UEPG, Ponta Grossa, n. 12 (1), p. 23-31. 2005.